



Mosquito mostra desenvoltura diante das câmeras em seu primeiro trabalho como ator

Cinema, leva eu!

Zeca Pagodinho vira filme, numa recriação de sua trajetória, das lutas de moleque suburbano ao sucesso nas rádios, com Silvio Guindane na direção e o sambista Mosquito no papel central

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Comprometido até 19 de dezembro com a turnê “O Maior Encontro Do Samba”, com a qual vai rodar o país em trio com Alcione e Jorge Aragão, de Brasília a Salvador, Zeca Pagodinho não tem shows no Rio agendados para as próximas semanas. Abre brecha para dar um pulinho em Vila Velha, no Espírito Santo, no dia 15 de agosto, para soltar o gogó no Festival Movimento Cidade, no Parque da Prainha. Até lá, é possível que o ator e realizador Silvio Guindane já tenha um primeiro corte de “Deixa a

Vida Me Levar”, a cinebiografia do curió de Xerém. Aposta quente para as bilheterias de 2027, o novo longa-metragem do diretor de “Mussum, O Filmis” (2023) foi rodado ao longo do mês de maio, pegando uma fatia de junho, em vários pontos do Rio, como a Serrinha e o Rio Comprido, rondando o nosso subúrbio, com uma paradinha na Penha, onde o Correio da Manhã teve a chance de acompanhar um dos sets. É o

músico Mosquito (Pedro Assad Medeiros Torres), cria da Ilha do Governador, quem vive o intérprete dos versos “Descobri que te amo demais” em sua fase de galetto ao belo canto, nos anos 1980.

“Pouca gente cantou o Brasil com o Zeca, que é um dos pilares da minha formação musical”, diz Mosquito, enquanto caminhava de uma sequência numa mesa de bar para filmar num carro.

O trecho dá conta de um momento de virada na vida de Jessé Gomes da Silva Filho, que nasceu em Irajá, em 4 de fevereiro de 1959, e foi criado em Del Castilho. É uma hora em que, na busca por independência, ele resolve viver do próprio esforço, sem ser sustentado pela mãe, Dona Irinéa,

e pelo pai, Seu Jessé - vividos no longa por Aline Borges e Ângelo Antônio. Nessa fase, vira apontador do jogo do bicho. A escolha quebra o coração de Irinéa.

“Zeca é um Brasil possível... um Brasil preto e potente... resultante de um sistema que deu errado”, diz Guindane, fiel à pedra fundamental temática (decolonial e autoral) de seu cinema, de fugir do “arquétipo do negro cachaceiro” que agrada as elites. “Com sua arte, que conversa com a esquerda, com a direita e com o centro, Zeca transgrediu o pensamento da Casa Grande acerca do que esperar dos corpos pretos e zera qualquer rejeição à sua música. Eu, que nasci preto, na Baixada, e faço audiovisual desde criancinha,